

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA
REVISTA DE TURISMO

LISBOA, 5 DE JANEIRO DE 1917

ANO I—N.º 13

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO
ANO... 1\$00 SEMESTRE... \$50
NUMERO AVULSO 5 CENTAVOS.

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO DA ABEGOARIA, 28 — TELEPHONE 2337-C. — LISBOA

O NOVO ANNO

COINCIDE o primeiro numero do nosso segundo semestre de existencia com a entrada do novo anno de 1917. E' um casual prenuncio que nos traz bom augurio, se bem que o numero com que o encetamos seja tido, pelos supersticiosos, de mau vaticinio.

Isso, porém, para nós é indifferente; e por pouca sympathia que tenhamos a esse numero, elle não nos causa, todavia, a aversão que levou um dos estados da America do Sul a supprimi-lo da sua numeração.

Em Lisboa houve, em tempo (e pensamos que ainda hoje existe) uma sociedade denominada dos *Makavenskos*, cujo numero de socios era limitado a 13 e que não tinha outro fim — que saibamos — senão reunir-se ordinariamente uma vez por semana — ás sextas-feiras e, em especial, no dia 13 de cada mez; sendo essas reuniões consagradas a um banquete fraternal durante o qual reinava a mais franca alegria e se trocavam protestos da mais intima amizade. Fizeram parte d'esse grupo, entre outros cujos nomes nós não occorre, alguns vultos importantes, como o Marquez d'Angeja, Sarrea Prado, Almirante Ferreira do Amaral, Luiz e Francisco Grandella, Arthur Peixoto, que foi secretario da Redacção do *Seculo*, ha bons vinte annos, etc.

E, com excepção d'alguns, uma

boa parte d'elles ainda existe, para quem, sem duvida, a vida — segundo o supponho — não tem sido verdadeiramente influenciada pela má sina que esse numero possa actuar nos destinos da humanidade.

E', pois, um facto com que nos congratulamos.

Ora, estas considerações vieram a proposito de ser o n.º 13 o primeiro do nosso segundo semestre d'existencia.

—E que de luctas, que de trabalho insano, extenuante, quasi prodigioso, representa a nossa entrada n'esta nova serie!

Nascidos completamente ao abandono, fiados simplesmente no poder magico da nossa vontade inquebravel e confiados no bom exito da nossa idéa patriótica — modesta sim, mas sincera e cujo valor desprezenciosamente julgamos indiscutivel, temos vindo trilhando este escabroso caminho da imprensa, que nos abalançamos a transpôr para a defeza do interesse patrio na peor e na mais difficil das occasiões, não só pelo geral retrahimento de se prestar concurso a uma qualquer obra por pequeno que seja o seu vulto, mas, ainda, pela extraordinaria e elevadissima carestia do que é indispensavel para a feitura d'uma *Revista* como a nossa, muito principalmente o papel, cujo preço é, simplesmente, fabuloso.

Não nos tem sido, felizmente, desfavoravel o acolhimento que obtivemos da parte do publico, não obstante a nossa expectativa ter ficado ainda por atingir; mas, tambem, podemos qualificar de lisongeiro o nosso successo, se attendermos a que, entre seis milhões e pico de habitantes que conta o nosso Paiz, cincoenta por cento d'elles, pelo menos, são analphabets; da outra metade, setenta e cinco por cento entretem-se mais com a politica (sciencia artistica que atrophia o cerebro de quem para o seu estudo e interpretação não nasceu) do que propriamente com os recreios espirituales menos perigosos e mais instructivos; restando-nos, pois, a pequena percentagem de vinte cinco por cento dos habitantes mais lidos e entusiastas pela leitura, dos quaes, ainda assim, só uma parte se interessa com verdadeiro entusiasmo pelo que pode visivelmente enriquecer a nossa Patria. Estes ultimos são alcunhados de caturras, ao numero dos quaes pertencemos e com muita honra...

D'esta sorte, temo-nos encontrado, embora em boa companhia, mas, apenas, com pouco mais do que o nosso proprio esforço; pois, mesmo a protecção official que devia ser espontaneamente offerecida á nossa *Revista*, attendendo á sua especial indole e ao seu patriótico fim, foi-nos recentemente dada com limites; tendo todavia tido necessidade de irmos ao seu encontro para a disfructarmos...

Esperamos, comtudo, que as instancias que — de direito — nos podem au-

xiliar n'esta penosa cruzada, não regatearão o seu concurso para que a *Revista de Turismo* possa continuar no caminho que encetou e, brevemente, cumprir o programma que lhe impuzemos, para o que o auxilio dos seus proprios assignantes e annunciantes não é todavia sufficiente.

A nossa especial missão é educar e attrahir o espirito do povo portuguez para a apreciação do que de rico, de artistico e de original, superabundantemente se encontra em o nosso Paiz; nacionalizando os gostos, as idéas e a forma de pensar dos portuguezes até o egoismo do culto patrio, para, depois sabermos receber e mostrar aos hospedes que nos visitem o monstruário das preciosas joias que possuímos, descrevendo-as com o encantamento da lingua patria, historiando-as com a vaidade e satisfação de conhecer a sua origem, engrandecendo-as com o seu real valor.

No intuito de auxiliar para a nossa Patria a corrente de população fluctuante que lhe é indispensavel como primordial factor economico, vamos, em occasião azada—pois que a confagração européa não no-lo permite no momento presente—irradiar a nossa obra para além fronteiras e atravez o grande Oceano, muito especialmente para o novo Mundo; mas para isso preciso se torna que a protecção que lisongeiamente nos deve ser prestada, não nos seja... regateada.

Assim, pois, o esperamos fazendo votos para que o novo anno seja muito prospero, a todos em geral.

NAVEGAÇÃO PARA O BRAZIL

CONSTA-NOS que das propostas apresentadas no concurso de navegação para o Brazil, foi aceite a do Banco Nacional Ultramarino, que por seu turno deu a exploração á secção marítima da casa Burnay & C.^a

É caso de jubilo para nós o ter sido preferida a proposta de uma casa *portuguesa de tão elevada consideração* comercial, como o Banco Ultramarino. E a exploração dada á casa Burnay é tambem uma garantia do bom exito de tão grande empreendimento.

Oxalá não se faça esperar o inicio das carreiras, que são por assim dizer o inicio de um rejuvenescimento politico e economico do nosso paiz.

O TURISMO EM PORTUGAL

É PRECISO FACILITÁ-LO, CRENDO POSTOS DE INFORMAÇÕES ONDE ELES FOREM PRECISOS—O EXEMPLO DO ESTRANGEIRO E A NECESSIDADE DE O SEGUIR.

SE ha quem julgue que o turista viaja ao acaso e visita só os paizes onde possam levar-o os seus passos incertos, aquelle que tal idéa faz dos que praticam a complicada sciencia de percorrer o mundo com methodo e com bom senso, engana-se redondamente. O turista é, em geral, uma pessoa de culto, que sabe o que quer ver e que só vae onde a sua curiosidade ou o seu interesse o chamam. Não é nem um aventureiro nem um perulário. É uma pessoa pacata, que gosta de divertir-se vendo o que merece ser visto e gastando, tanto em tempo como em dinheiro, apenas o que deve gastar. Para atrahir turistas é preciso: primeiro que tudo, dizer-lhe o que merece a sua visita nos paizes que lhe são desconhecidos. É necessario guial-o e elucidal-o. É indispensavel oriental-o, encaminhal-o, forçal-o a familiarisar-se com os sitios ou com os paizes que querem ser visitados muito antes de lá pôr os pés.

Sendo assim, o turismo não é mais do que uma maneira comoda e pautada de passar o tempo. Quem viaja, pouco tem que fazer. Basta que faça o que lhe disserem e que siga as indicações que lhe fornecerem. O tempo não é ele que o aproveita. Os outros, os interessados, é que não consentem que ele o perca.

Foi assim que a Suíça se transformou no paiz de turismo por excellencia. É que não ha recanto do seu solo que não figure nos guias suíços. Tudo o que n'essa ininterrupta serra-nia existe digno de ver-se é conhecido de quem se dirige ali, para se deslumbrar com as paisagens alpinas, branqueadas pela neve, ou para contemplar a severidade imperturbavel dos mais lindos e dos mais celebres lagos que ha no mundo.

A Italia tambem não descurou a sua publicidade. Como a Suíça, essa terra onde todas as artes crearam raizes e tradições, faz saber a toda a gente que viaja que possui thesouros de *inestimavel beleza e quem não os admirar é deixar de viver momentos de encanto que nunca esquecem*. A França elevou ao maximo tudo o que podia contribuir para a vulgarisar: viagens baratas, guias simples e claros, prospectos os mais variados, espalhados pelos mais diversos meios, tudo isso, antes da guerra, cahiu em avlanche em toda a parte onde havia

probabilidades de fazer nascer o desejo de ver esse formosissimo e heroico paiz. Os paizes do norte procederam da mesma forma e com tanto acerto, que hoje não ha pessoa medianamente instruida que não fale de tudo o que, nos chamados paizes de turismo, ha que mais prenda a atenção a quem pretende visital-os.

E nós? O que temos nós feito para que Portugal, seguramente um dos paizes que mais se presta para um turismo cheio de interesse artistico, tanto são os nossos preciosos monumentos, e recheados de maravilhas, de paizagem, tão grande é a variedade dos nossos panoramas, tão imprevisos são os horizontes de muitas das nossas serranias, seja incluído no numero d'aquelas regiões que o turista não deve deixar de visitar?

Alguma coisa, sem duvida.

Muito, com certeza. A Sociedade Propaganda de Portugal tem prestado n'esse sentido serviços valiosissimos. Falta, porém, ainda o mais importante.

Faltam os chamados *«bureaux de renseignements»*, onde os estrangeiros encontram tudo aquilo de que necessitam para ficarem sabendo o que ha em Portugal para ver. Estabelecimentos d'esta natureza, ha-os em todos os paizes de turismo. A sua indispensabilidade é manifesta.

Presentemente, o estrangeiro que nos visita tem ao seu dispor, quando muito vagos guias estrangeiros, que falam de Portugal com um desfastio e, por vezes, com uma semcerimonia que não são de molde a conseguir que se morra de amores por este recanto da Europa, tão longe d'ela situado. É facil, pois, adivinhar quanto deve ser reduzido o interesse que a imensa multidão de viajantes que em tempos normaes percorrem o mundo, tem de o ver. E será justo que suceda assim? Não é. Como remediar esse inconveniente? Tornando conhecida a verdade. Eis a missão dos postos de informação, que tem de crear-se quanto antes, tão certo é o não haver occasião para nos lançarmos definitivamente, como paiz de turismo, melhor do que este.

PADUA FRANCO.

EXPEDIENTE

Anunciam-se gratuitamente n'esta revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do paiz.

ARTE E LITERATURA

A ROSA E A SENSITIVA

(SONETO)

DE ALFREDO ANSUR

De Lisboa orna o seio flôr preciosa,
 Que a todos Rosa para mim é Cruz;
 Ao redor os botões da propria luz,
 Ainda a tornam mais bela e radiosa.
 Infelizmente (por que tinha jus
 A ser no Estio amada e venturosa),
 Os anos vê passar e a mariposa
 Do affecto humano e térreo a não seduz.

Não causa pena, por não ter perfume,
 Nem vivezas na côr nem mago encanto,
 Que ao Amor se retraia a Sensitiva.

Não siga, Rosa, tão cruel costume.
 Em nome de Jesus (dos Santos Santo),
 Não timbre em ser despiedosa e esquiva.

LISBOA, 25—XII—916.

LINGUAGEM DAS FLORES

DE DELFIM GUIMARÃES

O Cravo — quer dizer amor furtivo
 Amor que passa sem deixar saudade;
 Amor que é tão ligeiro e fugitivo
 Que nem após de si deixa a amizade.

O Lyrio — quer dizer amor alvente,
 Amor de esposa, abençoado e puro,
 Bordão de viajeiro ou penitente,
 Restea de luz bem clara em céu escuro.

A Rosa — quer dizer amor suave,
 Amor cheio de aromas e carinhos,
 Caricioso como pennas de ave,
 Mas (como toda a rosa!) com espinhos...

A Margarida — a branca Margarida,
 Pequenina, mimosa, meiga eterna,
 Retrata em si uma affeição querida,
 E o emblema da affeição fraterna.

O Bem-me-quer ou Mal-me-quer risonho,
 Uma versão exacta não consente...
 Amor... aneio... uma illusão... um sonho...
 E como um sonho... muitas vezes mente!

A Papoula — da rubra côr sangrenta,
 Da viva côr da rutilante aurora,
 Traduz uma paixão que se alimenta
 Do proprio coração onde ella aflora...

A Perpetua — o seu nome o perpetua,
 Fior, verdadeira, duradoura flôr...
 É a expressão fiel do amor que actua
 Nos seios maternas — bemdito amor!

Os Myosotis — não me esqueças — flores
 Que tanto dizem na gracil linguagem,
 No volapuk universal de amores,
 Dos amores juvenis são a imagem.

O Goivo — solitario e triste Goivo
 Representa uma dor moral e physica
 Da donzella que vê morrer o noivo,
 Do noivo a quem morreu a noiva fisica...

O Martyrio — expressivo nome dado
 A' flôr de certa planta trepadeira,
 É um emblema de um peito macerado
 Pelas agruras de paixão traiçoira.

A Saudade — essa humilde e innocente,
 Nostalgica, nervosa e casta flor,
 É a lembrança de um amigo ausente,
 É a saudade de um primeiro amor!

A Violeta — apesar da côr escura,
 Deslumbrante, aromatica, selecta,
 É a flor que melhor quadra á sepultura
 Onde repousa um coração de poeta.

Amor-Perfeito — de variadas côres,
 Tão fresco e avelludado, no teu peito,
 Reproduz, meu amor, os teus amores,
 E tal como tu és: — amor perfeito...

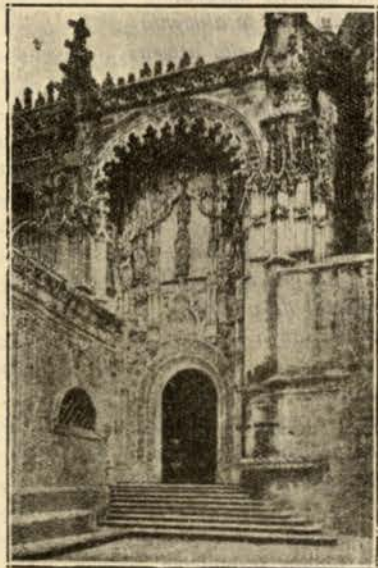
Como estas flores ha muitas outras mais,
 Desde a flôr campesina á do deserto,
 Do pólo norte ás zonas tropicaes,
 Com seu sentido mais ou menos certo.

Mas nenhuma para mim é tão querida,
 E nenhuma traduz tamanho amor
 Como o teu rosjo, pomba estremecida,
 O peregrina e sacrosanta flôr!

PAISAGENS PORTUGUEZAS

THOMAR

QUE recordações de tristeza e saudade eu conservo de Thomar! Foi ha anos, por uma linda manhã de outomno, que eu descí



CONVENTO DE CRISTO
ENTRADA DA EGREJA

até á cidade do Nabão, com aquela alegria que nos dá uma visita que ha muito se desejava fazer.

Mas ao passo que o carro rolava, ora cahindo n'uma cova da estrada, ora levantando-se sobre um monte de pedras, e ia reportando a minha memoria, aos factos, sem remedio, que fizeram com que a historica cidade nabantina, ficasse afastada do caminho de ferro, por 7 longos e arduos kilometros de estrada.

Se na nossa terra bendita tivesse havido um pouco mais de criterio, o caminho de ferro de Lisboa ao Porto teria a sua estação junto á laboriosa cidade, e hoje seria ali uma paragem obrigatoria para o turismo, e depois galgando entre paisagens asperas e verdejantes, que deleitaria o excursionista, até o ir deixar, sem trasbordo junto a Santa Clara-a-Velha, em frente de Coimbra, a douta cidade que, tambem para muitos, não passa de uma doce visão, que se espelha, a fugir, nas aguas do Mondego.

Depois de mil solavancos o trem levou-me até ao alto da colina, d'onde se descortina Thomar, entre verduras, com as suas fabricas labo-

riosas, de chaminés esguias, com as aguas claras do Nabão a mover azenhas enormes, e a regar as hortas extensas e fecundas.

O trem começa a descer com dificuldade a encosta, cruzando com numerosos carroções, carregados de fardos enormes da industria nabantina, dando assim a idéa do labôr fabril da cidade.

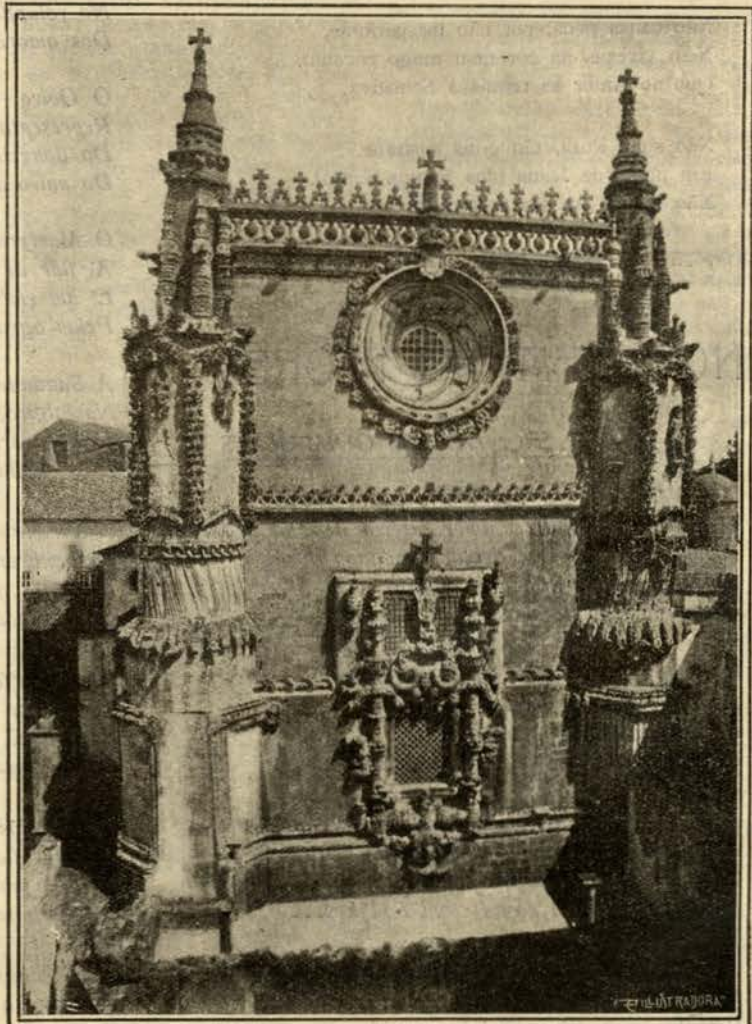
As ruas largas e varridas da cidade deixam boa impressão, as lojas e a fisionomia alegre do casario, branco com sardinheiras debruçadas dos alpendrados, anunciam veneração pela Deusa Flora.

Ao lado de Nabão, estendem-se a avenida da cidade, com as suas arvores alinhadas em semetria, muito redondas, muito bem tratadas, a cobri-la de uma sombra doce e acariciadora, que a visinhança do rio, claro e impetuoso mais amacia.

A avenida não tem fim, e lá vae serpenteando, entre as hortas onde as nóras gemem com lentidão, até que nos conduz junto dos romares, com macieiras ajoujadas de maçãs rubras a rir-se para o sol que as acaricia e as abraça.

E por entre os braços das macieiras, ramos de pecegueiros abraçados com amor, pendem sobre a terra como uma benção, ou com uma lagrima a rolar, os seus fructos enormes e loiros como o trigo nos eirados.

De volta á cidade, lá em cima o castelo de Gualdim Paes, como cavaleiros da idade media, convida-nos



CONVENTO DE CRISTO - JANELA DA CASA DO CAPITULO

a subir, e de lá admirar o extenso vale, e a contemplar com religiosa admiração o famoso convento de Christo, que a ordem dos Templários construiu e lhe legou.

E ante aquela obra admirável da arte gothica, que um portal—maravilhosa sublime da arte!—dá entrada, ficamos logo extasiados de admiração, que mais se acentua, ao aproximarmos da celebre janela do côro inferior e da elegancia do contraforte, da vertice das faces norte e poente, onde nos ornatos da sua construcção se faz salientar a influencia do oriental que a descoberta da India trouxe ás construcções dos nossos monumentos.

Tudo ali é grandioso e solemne, tudo denuncia o vigor de uma raça em plena epopeia de grandeza. O celebre claustro do Cemiterio, onde dormem Diogo da Gama e Balthazar de Faria é uma maravilha.

As ornamentações lateraes, em estylo gothico puro, com arcos originaes são de incomparavel beleza, e as columnas que rematam em capiteis com ornatos de folhas de videira e mourangueiro são um assombro!

O Claustro de D. João III é uma magnifica arquitecção de 2 andares, da segunda renascença, ao centro a fonte de Pedro Fernandes, d'onde brota agua de deliciosa frescura.

A casa do Capitulo e a capela do Cruzeiro, reteem ainda a atenção do visitante que depois se extravia ante o panorama soberbo de Alcaçova do Castelo de Gualdim Paes, que domina a cidade a seus pés, e o Nabão, além volteando-se com langor, por entre as fabricas, os pomares e os prados verdes.

Mas ante tão empolgante paisagem ao longe a deslumbrar-nos a vista a tão magnifica obra d'arte, ali esquecida a maravilhar-nos de uma grandeza desaparecida, nós lembramos da entrada esburacada e do comboio silvando ao longe, enche-se-nos a alma de tristeza, pela pouca atenção que estas coisas teem merecido a quem

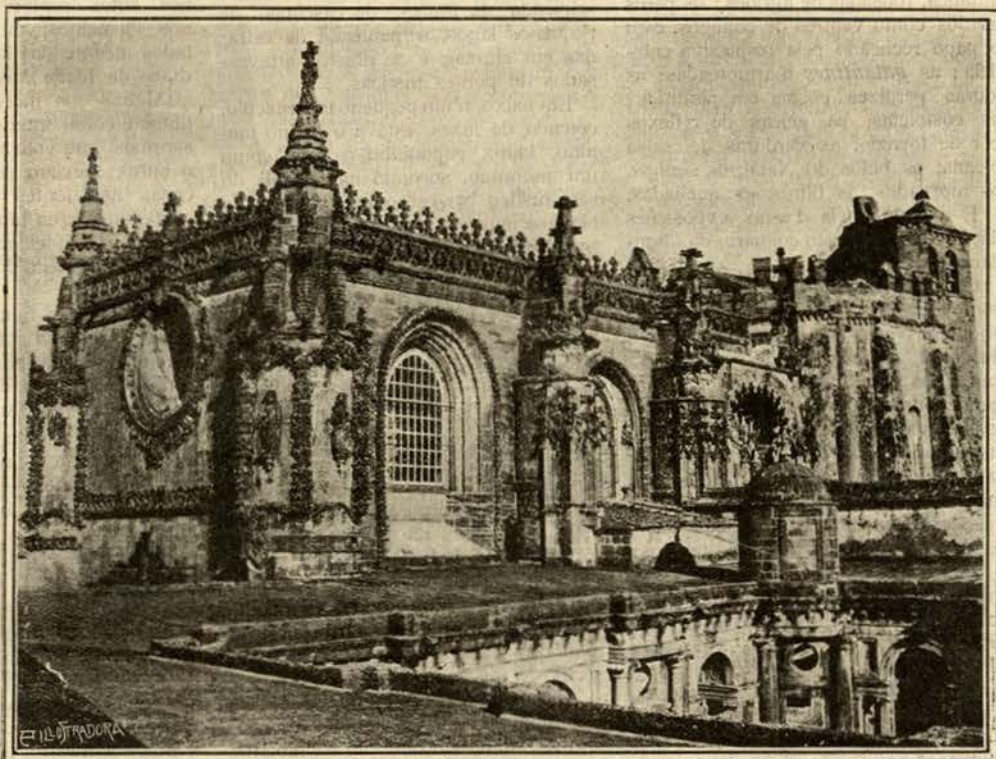
tem estado á testa dos destinos d'este malfadado paiz.

Dizem que Thomar vae ter agora um ramal de caminho de ferro que dignamente o merece, embora seja tarde; e se bem, que, um ramal é como um beco sem sahida só lá vão os que são atrahidos por alguma voz; mas o castelo dos Templários, não é uma voz, mas sim um grito que atrôa muito longe, e oxalá todos o ouvissem.

GUERRA MAIO.

Bilhetes de assignatura nas linhas do Sul e Sueste

A partir de hoje a condição 3.^a da tarifa especial B de grande velocidade, que estabelece a intransmissibilidade dos bilhetes de assignatura da mesma tarifa e a obrigatoriedade da sua apresentação aos agentes das Companhias quando lh'os exijam, é aditada com as disposições seguintes: «São excluidas d'esta determinação as assignaturas requisitadas com con-



CONVENTO DE CRISTO

NÓS E A IMPRENSA

O nosso digno colega de Extremoz, *Jornal de Extremoz*, transcreveu em artigo de fundo o artigo *Comboios do Algarve* do nosso ultimo numero. Tambem o *Jornal de Abrantes* transcreveu o artigo *Alemtejo*, da nossa secção de Paisagens Portuguezas.

Varios outros jornaes da provincia continuam a dirigir palavras muito atenciosas á nossa revista, que nos penhoram em extremo; d'elles destacaremos, *A Discussão de Ovar*, *O Nautá*, de Ilhavo, *Daniel de Goes*, de Alemquer, *O Defensor*, das Caldas da Rainha, etc., etc.

A todos os dignos colegas os nossos agradecimentos.

signação especial de validade para serviços e correctores de hotéis, aos quaes é concedida a faculdade de transferencia de bilhetes para outros individuos mediante a entrega do bilhete com o antigo retrato, ao qual deverá vir junta a nova photographia.

Estas requisições deverão ser feitas em nome dos patrões dos serviços ou dos proprietarios dos hotéis, justificadas com o motivo de transferencia, para os efeitos da completa autorisação que só poderá tornar-se efectiva mediante a cobrança de 1\$00 por cada novo bilhete.

FALTA DE PAPEL

Devido á dificuldade em obter papel, sae este numero com o atraso de 2 dias, do que pedimos desculpa aos nossos assignantes e anunciantes.

O NATAL MINHOTO

É dia de Natal.

A cidade amanheceu alegre no céu fresco e azul. Os carrilhões das igrejas repicam festivamente. As salchicharias, os restaurantes, as pastelarias, ostentam em exposição os seus produtos mais apetitosos: os grandes porcos, de couro nitidamente barbeado suspensos do tecto com a cabeça para baixo; as salchichas e os chouriços de sangue pendentes em bambolim; as cabeças de vitela, de uma palidez línfatica, rodeadas de agriões; os perús gordos como ventres de conegos, com o papo recheado pela respectiva cabidela; as *galantines* marmoreadas; as loursas perdizes postas em pirâmide; as costeletas; as geléas de reflexos cor de topazio; as verduras de salsa picada; os bolos do Natal; os sonhos, os morgados, as filhós, as queijadas.

E a abundância d'estas exposições dá ás ruas o aspecto culinario da abundância, da plenitude.

Os cabazes das camelias scintilam como grandes esmaltes. As lojas de bijouterias armaram o grande pinheiro do Natal, cujas hastes desbrocham em cartuchos de amendoas, em cartona-gens douradas, em animaes de quasi todas as especies recolhidas na arca, em cabriolets de lata, em cavalos de cartão, em palhaços vermelhos que tocam pratos, e em lindas bonecas vestidas de setim com os seus *pufs*, os seus *chignons* e os seus regalos.

Lisboa inteira passeia na vasta alegria do sol, os homens trazem os seus embrulhos, as mulheres levam os seus filhos pela mão.

As meninas, vestidas de novo, em grande *toilette*, frescas como lilazes, com os seus narizinhos rosados pelo Nordeste, dirigem-se ao baile infantil, organizado no salão d'um theatro por uma associação de senhoras, em favor d'um estabelecimento de beneficencia.

O piano em alegres estufiadas chama á quadrilha as jovens damas de quatro anos e os pequenos cavalheiros seus pares. A arvore do Natal braceda as dadas encantadoras sobre o grande baile em miniatura.

Ide, queridos amiguinhos, ide divertir-vos! Aquele que vos fala já foi em tempo—ha bem pouco tempo!—aquilo que vos hoje sois, e teve tambem a sua festa inteiramente desanuviada, absolutamente feliz como a vossa. A única diferenca é que, n'essa remota idade e no obscuro canto da provincia em que ele nasceu, a *Arvore do Natal* era ainda uma instituição desconhecida. Era uma terra barbara aquela em que esse pai-avô veio á luz e que tantas vezes ele percorreu, já pericli-

tante na imperial de tremulas e arrastadas diligencias, já a cavallo debaixo d'um amplo capote de cabeções, já a pé, só, com um bordão!

O objecto do culto, da admiração, do entusiasmo, do enlevo dos pequenos do meu tempo era o velho *presepio*, tão ingenuo, tão profundamente infantil, tão cheio de coisas risonhas, pitorescas, festivas, inesperadas.

Era uma grande montanha de musgo, salpicada de fontes, de cascatas, de pequenos lagos, serpenteada de estradas em zig-zag e de ribeiros atravessados de pontes rusticas.

Em baixo, n'um pequeno tabernaculo, cercado de luzes, estava o divino menino, louro, papudinho, rosado como um morango, sorrindo nas palhas do seu rustico berço, ao bafo quente da benigna natureza representada pela vaca trabalhadora e pacifica e pela mulhinha de olhar suave e terno. A Santa Familia contemplava em extase de amor o delicioso recém-nascido, enquanto os pastores, de joelhos, lhe ofereciam os seus presentes, as fructas, os frangãos, o mel, os queijos frescos.

A grande estrela de papel dourado, suspensa do tecto por um retroz invisivel, guiava os tres reis magos, que vinham a cavallo descendo a encosta com as suas purpuras nos hombros e as suas coroas na cabeça. Melchior trazia o ouro, Baltazar a mirra, e Gaspar vinha muito bem com o seu incenso dentro d'um grande perfumador de familia, dos de queimar pelas casas a alfazema com assucar ou as cascas secas de maçãs camoezas.

Atraz d'elles seguia a christandade em peso, que se figurava descendo do mais alto do monte em direcção do tabernaculo. N'essas imensa ramagem do mais encantador anacronismo, de variedade de efeitos e de contrastes! que contentamento! que alegria! que paz de alma! que innocencia! que bondade!

Tudo ria, tudo cantava n'esses deliciosos magotes de festivaes romeiros de todas as idades, de todas as profissões, de todos os paes, de todos os tempos! Os cegos tocando as suas sanfonas; os pretos pulando uma sarabanda; os galegos com a sua gaita de foles dançando a muñera; a saloia de carapuça de bico e de saio encarnado, trazendo o cesto com ovos; o saloio com o perú, com o vitelo ou com o bacorinho ás costas; o aguadeiro com o seu barril novo; o ceifeiro com a sua foíce e o seu feixe de trigo; o lenheiro com o seu cepo sagrado para a fogueira da missa do Galo; o pequeno saboiano com a sua

marmota; o tocador de realejo dando á manivela do seu instrumento; o pastor com um borrego ou um chibo debaixo do braço; o passarinho com as suas esparrelas e o seu alcapão com um melro dentro; a manola com o seu leque e a sua mantilha sevilhana traçada na cinta; o maior tocando a guitarra sentada no garrido albardão da sua mula; os gitanos entoando a seguidilha; numerosos rebanhos, de perús, de patos, de anhos, de porcos e de cabritos; e muitas personagens de variegados trajes exóticos tangendo pandeiros, adufes e castanhetas, como nos autos pastoris, nos colloquios e nos vilancinos, antigamente representados deante das lapinhas nas cathedraes da Idade Média.

Alguns—os mais ricos presepios—tinham corda interior fazendo piar passarinhos que voavam d'um lado para o outro, mexiam as azas e davam bicadas nas fontes de vidro, em que cahia uma agua tambem de vidro, fingida com um cilindro em que andava a roda por efeito do misterioso mechanismo.

Todas essas figuras do antigo presepio da minha infancia tinham uma ingenua alegria primitiva, patriarchal, como dezia ser a de David dançando na presença de Saul.

Um outro menino—não o do tabernaculo, que esse estava seguro ao berço com um parafuso—um menino maior, sobre uma toalha bordada, era trazido em roda e recebia sobre os seus diminutos pés polpudos, saudaveis, rubescos, a enfiada de beijos de todas as pequenas bocas innocentes, vermelhas, afiladas em bico, gulosas dos refulginhos d'aquelle pequenino Deus tão louro, tão manso, tão lindo!

Depois celebrava-se a ceia; o mais solemne banquete da familia minhota. Tinham vindo os filhos, as noras, os genros, os netos. Acrescentava-se a mesa. Punha-se a toalha grande, os talheres de cerimonia, os copos de pé, as velhas garrafas douradas. Acendiam-se mais luzes nos castiçais de prata. As criadas, de roupinhas novas, iam e vinham activamente com rimas de pratos, contando os talheres, partindo o pão, colocando a fructa, desrolhando as garrafas.

Os que tinham chegado de longe n'essa mesma noite davam abraços recebiam beijos, pediam novidades, contavam historias, acidentadas da viagem; os caminhos estavam uns barrocais medonhos; e falavam da seraivada de neve, do frio da noite, esfregando as mãos de satisfação, por se acharem enchutos, agasalhados confortados, quentes, na expectativa de uma boa ceia, sentados no velho canapé da familia.

E o Nordeste assobiava pelas físgas das janelas; ouvia-se ao longe bramir o mar ou zoar a carvalheira, enquanto da cozinha, onde ardia no lar a grande fogueira, chegava n'um respiro tepido o aroma do vinho quente fervido com mel, com passas de Alicante e com canela.

Finalmente o bacalhau guisado, como a *brandade* da Provença, dava a ultima fervura, as frituras da abobora menina, as rabanadas, as *orelhas de abade* tinham sahido da frigideira e acabavam de ser empilhadas em pirâmide nas travessas grandes. Uma voz dizia: — *Para a mesa! para a mesa!*

Havia o arrastar das cadeiras, o tinir dos copos e dos talheres, o desdobrar dos guardanapos, o fumegar da terrina. Tomava-se o caldo, bebia-se o primeiro copo de vinho, estava-se hombro com hombro, os pés dos de um lado tocavam nos pés dos que estavam defronte. Bom aconchego, belo agasalho! As fisionomias tomavam uma expressão de contentamento, de plenitude. Que diabo! Exigir mais, seria pedir muito. Tudo o que ha de mais profundo no coração do homem, o amor, a religião, a patria, a familia, estava tudo ahí reunido n'uma doce paz, não opulenta, mas risonhamente remediada e satisfeita. Não é tudo?

Não é. O primeiro dos convivas que tinha o sentimento d'essa imperfeição, era a velhinha sentada ao centro da mesa. Ela, que para nós, representava apenas a avó, tinha sido tambem a filha, tinha sido a irmã, tinha sido a esposa, tinha sido a mãe... No seu pobre coração quantos lutos sobrepostos quantas saudades acumuladas! Por isso enquanto os outros riam e conversavam alegremente, a mão dela emagrecida e enrugada tremia de comoção ao tocar no copo, e dos seus olhos cançados despejavam-se silenciosamente duas lagrimas, que ela embebia no guardanapo enquanto a sua bôca procurava sorrir e titubear palavras de conforto, de felicidade.

Só nós, as crianças, é que gosavamos n'esta festa uma alegria imperturbável e perfeita, porque não tinhamos a comprehensão amarga da saudade nem as preocupações incertas do futuro. Para nós tudo na vida tinha o caracter imutavel e eterno. O destino apparecia-nos ridentemente fixado, como em musgo as alegres figuras do presepio.

Suponhamos que seriam eternamente lisas as faces da nossa mãe, eternamente negro o bigode do nosso pai, eternamente resignada e compadecida a decrepita figura da nossa avó, tocada nas suas rendas pretas, no fundo da grande poltrona.

Não tinhamos comprehendido ainda todo o sentido do Natal. Não nos haviam explicado suficiente que o louro menino Jesus que nos sorria no seu bercinho, tão descuidado, tão alegre, no meio do esplendor dos cirios e do perfume das violetas, era o mesmo Deus descarnado e livido, coroado de espinhos. alanceado no coração, pregado na cruz e exposto no altar. Repugnar-nos-ia acreditar, se então no-lo dissessem, que o tenor e suave bambino do presepio, cercado de amores, de canticos, de festas, de davivas, de bonitos, cheio de caricias e de beijos, teria um dia de ser um martyr, um heroe, um Deus, mas que para isso haveriam de o perseguir como um rebelde, de o torturar como um criminoso, de o justicar como um bandido; que ele teria de ser esbofeteado, azoragado, traído, que receberia o beijo de Judas, que seria preso entre os seus discipulos no jardim das Oliveiras, que mandaria embainhar a espada de Pedro para beber o calix de amargura, que seria levado de Caifás para Pilatos, que seria condemnado, que lhe poriam a corôa de espinhos, que o fariam subir o Calvario sob o peso da sua cruz, que, finalmente, o crucificariam entre dois ladrões aos olhos da sua propria mãe.

Não, a vida é uma festa permanente e imovel, é uma evolução constante e rûde. O Natal é a festa das lagrimas para todos aqueles para quem ele não é festa da inexperiencia. E todavia pensavam alguns que era util não deixar de a celebrar. Que importa que o numero ou que o nome dos convivas varie em cada ano? Que importa que alguns amados velhos falem ao banquete? Que importa que nós mesmos façamos para o ano que vem na festa dos mais novos?

Esta noite de alegria para as crianças será sempre de alguma saudade para os adultos. Assim teremos a esperança terna de sobreviver, por algum tempo, na lembrança dos que amamos — uma boa vez ao menos — de ano a ano.

RAMALHO ORTIGÃO.

As obras do porto de Lisboa

Vão muito adeantados os trabalhos de ampliação dos caes acostaveis e transformação da doca de Alcantara, para o trafego comercial, obras essas bastante morosas, devido á falta de varios materiaes.

Uma vez a doca de Alcantara transformada, o porto de Lisboa ficará com um excelente caes acostavel, e uma doca de abrigo para os vapores de passageiros.

Parece que mais tarde tambem a doca de reparação de navios vaer ser, ampliada para ali poderem entrar grandes navios.

TURISMO

É uma das industrias mais lucrativas dos países modernos. O homem de fortuna abdica hoje das despesas superfluas d'uma vida monotonica, ronqueira, anti-coadonada com o seculo e embrenha-se nos encantos das viagens, excursões por pontos pitorescos e, assim, procura uma vida em que se instrua e divirta, oferecendo uma caudalosa fonte de receita pelos pontos por onde transita. Isso permitiu e criação da nova industria turista.

Todas as nações tentam exhibir os melhores encantos n'essas novas cruzadas da civilização moderna. Nenhuma nega o seu concurso. Criam-se escolas para hoteleiros, fomentam-se congressos e associações d'essa classe o interprete torna-se uma entidade que se procura com afan. Requisita-se-lhe os requintes d'uma delicadeza modelar, e as cidades modernas, thermas, as regiões de pitoresco acentuado, os pontos historicos, os monumentos architectonicos, etc., tornam-se focos d'uma sociedade cosmopolita, que lançam os seus capitaes por todo o itinerario.

A guerra europeia veio focar Portugal, não só pela sua intervenção na contenda armada, como ainda por ser um país em que os turistas podem satisfazer o seu anseio de estudos. Possuimos monumentos de alto valor artistico, perpetuando uma historia inegalavel. O país é d'um encanto unico, variegado nas paisagens, como clima dulcissimo. O pitoresco dos serredos casa-se com o mar, que beija uma costa repleta de praias sorridentes. Possuimos thermas com incumensuráveis propriedades therapeuticas, montanhas onde se podem levantar sanatorios e hoteis magnificos. Somos filhos d'uma nação rica, mas infelizmente inexplorada. Entregamo-nos diariamente a assumptos que em qualquer outro país seria de mero expediente, e consideramo-nos patriotas com dois reptos artificiosos sobre problemas que nos são, na maioria, vedados por segredos de gabinete ministerial, e julgando-nos paes da Patria, nada mais seremos do que coveiros, se não olharmos afinadamente para o que nos cumpre.

Entregamo-nos á exploração de industrias lucrativas, perdemos a qualidade banal que nos envolve, e, lembrando-nos que, passada a guerra actual, da America do Sul hão de surgir numerosas colonias de turistas, que procurarão observar *de visu* os pontos semeados de cadaveres por esses criminosos do militarismo germanico, procuramos adaptar o país a essa nova industria. — Sejamos praticos.

PIRES MACHADO

D'O Defensor das Caldas da Rainha.

"CASA PORTUGUEZA,"

A CASA DO ENGENHEIRO SR. RICARDO SEVERO
NA RUA DO CONDE — PORTO

VAMOS dedicar algumas linhas a noticiar uma linda *casa portuguesa*, existente no Porto, e que por certo muitos dos nossos leitores conhecem, já por a terem visto fotografias ou gravuras d'ela, pois está feita ha já alguns anos.

O auctor do projecto foi o seu pro-

prio, com os cachorros lateraes para os vasos de flores.

A escada exterior, que já mencionámos começa no atrio em principio o lanço, com os SS ornamentais muito comuns ainda nos antigos solares provincianos.

N'outro ponto das fachadas vê-se

EXPOSIÇÃO DE AGUARELAS

HA anos a esta parte, muito se tem desenvolvido a arte aguarelista, no nosso meio, e de ano para ano vão tomando as suas exposições foros de acontecimento.

A que actualmente se efectua no Palacio Nacional de Belas Artes, na rua Barata Salgueiro, tem ali chamado diariamente grande e selecta concorrência.

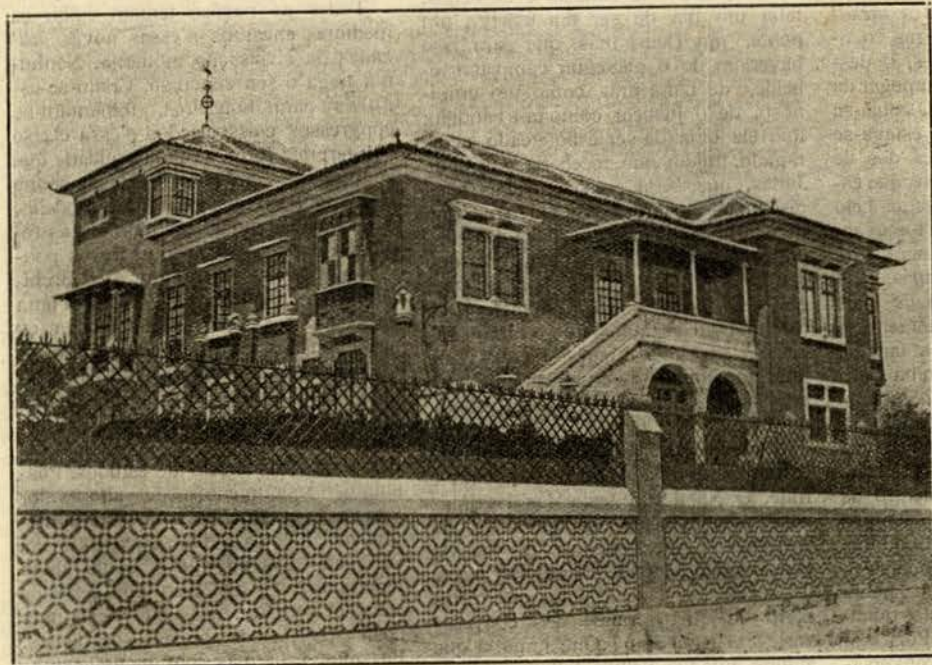
São centenas de aguarelas ali expostas, e dos nossos mais reputados artistas, que não citamos nomes para não fazer omissões.

Passageiros para Hespanha

Segundo as ultimas informações das linhas hespanholas, o serviço para essas linhas bem como para as francezas, está actualmente sujeito ás seguintes restricções:

* *Linha de Castejon a Bilbao.* — Interrompida entre San Asencio e Cenicero. Não se vendem bilhetes nem se aceitam expedições de grande velocidade. A's remessas de pequena velocidade será exigida reserva pelos prazos de transporte.

Caminhos de Ferro Andaluzez. — Interrompida a linha de Córdoba a Bémez, entre Baianzona e Cerro Muriano, os passageiros tem trasbordo. — Interrompida a linha de Alicante a Murcia, entre Orihuela e Beniel.



prietario, um engenheiro distinctissimo, que hoje está dirigindo importantes trabalhos de engenharia no Estado de S. Paulo, no Brazil.

A linda *casa portuguesa* tem como os nossos leitores vêem pela gravura que publicámos, todas as características da antiga habitação portuguesa: escada exterior alpendrada, janela n'um dos angulos, n'outro, um nicho de santo a lanterna de suspensão para iluminar a escadaria exterior em noites escuras.

As janelas ou balcões são abrigados por um alpendrado, telhadinho ou sobre-cu, havendo ainda n'uma das fachadas um balcão vedado por uma gelosia.

Assim como os balcões ou varandas, como hoje pode dizer-se, também as janelas apresentam reminiscências da edificação antiga, com os seus geminados ou separadas pela verga de cantaria, com docel ou telhas de faiança, com peitoril relevado,

o relógio de sol, n'outro, quadros de azulejos, imitando o lindo azulejo mouriscado; emfim, impossivel seria darmos n'uma noticia por mais desenvolvida que fora, os numerosos detalhes de tão interessante edificação, em que, com uma intelligencia e bom gosto artistico invulgares, se procurou fazer reviver a antiga casa solarenga, bem mais digna de apreço do que muitas edificações de modelos transplantados da França, Italia, Suissa, etc., etc., que não primam pela boa adequação ao nosso clima, nem aos nossos habitos.

N. C.

«ESMERALDA»

RECEBEMOS a visita d'esta nova revista, destinada a defender os interesses da industria joalheira, e que se apresenta muito bem disposta tanto na parte literaria como na artistica.

Felicitemos os seus devotados organisadores e auguramos-lhe, um futuro de prosperidades.

EXPEDIENTE

Vamos mandar para o correio os recibos das assignaturas do 2.º semestre e rogamos por isso aos nossos estimados assignantes se dignem satisfazer a sua importancia, afim de nos evitar despezas com a sua devolução.

A ADMINISTRAÇÃO